

Sempre cabe mais um

Categories : [Eduardo Pegurier](#)

O mundo piora quando nasce mais um ser humano? Um novo bebê condena todos a um padrão de vida um pouquinho pior? Ou talvez não... Mais gente pode ajudar a melhorar o conforto material da humanidade como um todo?

Sobre o assunto, evoco dois profetas que, se não tivessem vivido em séculos diferentes, teriam adorado debater. O primeiro é [Thomas Malthus \(1766-1834\), economista inglês que, em 1798, escreveu An essay on the principle of population](#). O livro previa consequências sombrias para o crescimento populacional, que tenderia a exceder a capacidade de produzir comida. O resultado seria a miséria contínua.

Nos últimos 200 anos, Malthus perdeu. [Nesse período, a população mundial cresceu 6,5 vezes e a expectativa de vida dobrou](#). Mesmo assim, a comida ficou cada vez mais barata, graças ao contínuo aumento da produtividade no campo.

Mas Malthus fez escola. Quem já não ouviu ou argumentou que a humanidade, como um todo, jamais poderá ter o padrão de vida dos felizardos que moram nos poucos países ricos? Especialmente americanos, símbolos de opulência. Talvez, o mais ferrenho malthusiano moderno seja [Paul Ehrlich, professor da universidade de Stanford, que escreveu, em 1968, The population bomb](#), onde previa alta probabilidade do mundo experimentar fomes terríveis já na década de 80. Numa tirada famosa, Ehrlich disse acreditar que as chances da Inglaterra existir até o ano 2000 seriam de, no máximo, 50%.

Eis que entrou em cena, [Julian Simon \(1932-1998\), maior antagonista de todos os tempos das idéias de Malthus](#). Na década de 80, ele desafiou as previsões malthusianas com uma avalanche de evidências históricas, em livros como [The state of humanity](#) e [The ultimate resource](#). Suas conclusões? O crescimento populacional era sustentável, os recursos naturais estavam se tornando mais abundantes, a qualidade do meio ambiente estava melhorando e a humanidade estava destinada a ter um padrão de vida cada vez melhor.

Ehrlich, que sobre Simon declarou, “A única coisa na Terra que nunca vai se esgotar são imbecis”, perdeu uma aposta contra ele. [A disputa, acertada em 1980, era sobre o preço futuro de cinco commodities metálicas escolhidas por Ehrlich](#): cobre, níquel, cromo, estanho e tungstênio. Se, em 1990, corrigido pela inflação, o preço delas fosse menor, Simon ganharia. E foi o que ocorreu. Ehrlich propôs uma nova aposta em outras bases, como o aumento da temperatura do planeta, do dióxido de carbono e perda de florestas, mas Simon declinou. Teria perdido.

Simon foi tão apaixonadamente otimista em relação ao futuro, quanto Malthus foi negativo. Segundo ele, o mais importante recurso natural, sempre renovável, é o ser humano e sua mente

inventiva. Quanto mais cabeças maior o número de idéias disponíveis para aumentar a eficiência do trabalho e do uso de recursos naturais. ["Não ficaremos sem comida, água, petróleo, árvores e ar limpo, porque ao longo da história humana o preço dos recursos naturais caiu"](#), afirmava. Nós seríamos, de fato, os “criadores” dos recursos naturais. Por exemplo, que valor teria a areia, se o homem não tivesse inventado coisas como o vidro, o chip de computador e a fibra ótica?

Estamos em meio a um fenômeno econômico que, novamente, nos permite otimismo. A economia mundial, em média, está crescendo vigorosamente, com juros e inflação muito baixos, apesar da disparada do preço das commodities, especialmente o petróleo. O contrário da estagflação (recessão com inflação em alta) causada pelos choques de petróleo da década de 1970.

Devemos isso aos chineses. Enquanto o choque dos anos de 1970 foi de oferta, contida com sucesso pelo cartel dos principais produtores, a OPEC. Dessa vez, petróleo e outras commodities estão em alta, porque a China, um gigante de 1,2 bilhão de habitantes, meteu o pé no acelerador. Desde que abandonou a ortodoxia comunista, na década de 1980, sua economia passou a crescer a taxas em torno dos 10% ao ano, altíssimas por qualquer padrão.

O crescimento da economia chinesa colocou enorme pressão sobre os preços das commodities. Só no último ano, o preço do petróleo aumentou 50% e, batendo em 63 de dólares, já se aproxima do pico da crise dos anos 70, quando atingiu 80 de dólares, a preços de hoje. O salto chinês dos últimos 20 anos levou cerca de 300 milhões de chineses do campo para as cidades, onde prosperaram e passaram a consumir num padrão ocidental. Não seria de esperar que o mundo mergulhasse em outro período recessivo?

Não é o que está acontecendo. Aço, soja e petróleo, entre outros, estão muito mais caros. Os chineses estão consumindo commodities como nunca e fazendo os preços dispararem. Em compensação, estão devolvendo ao mundo, via comércio internacional, uma enorme produção de bens de consumo baratos. Também pouparam muito, algo como 40% do seu PIB anual. Esse esforço irriga os mercados financeiros internacionais e baixa os juros. O resultado líquido é positivo. Os americanos, viciados em carros, podem se desesperar quando enchem o tanque ao dobro do preço de alguns anos atrás. Em compensação, compram de tecidos a produtos eletrônicos por preços reduzidos e financiam suas casas a juros diminutos. Cortesia dos chineses.

A prosperidade da China também aumenta a do resto do mundo. Como assim? Trezentos milhões de novos consumidores surgiram por aí e o padrão de vida mundial aumentou? Malthus, que viveu num mundo com um sexto da população atual, daria uma cambalhota. Mas é o que está acontecendo. Os salários chineses são baixos? Sim, mas muito maiores do que antes. [A China está causando problemas ambientais?](#) Tremendos, causados pela prosperidade rápida e um governo ditatorial omisso, mas que têm solução. Em suma, a China está utilizando bem as commodities que importa, aumentando a produtividade mundial.

Mais uma indicação que, provavelmente, ainda existe muito espaço para a humanidade prosperar.

Com uma vantagem ambiental: matérias-primas caras nos farão pensar em como conservá-las melhor. E, no caso do petróleo, encontrar rápido um substituto limpo.